

O heroísmo soviético e seus limites em “Coro de soldados”, seção de *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, de Svetlana Aleksievitch¹

Arthur Almeida Passosⁱ

RESUMO

Neste artigo, estudo “Coro de soldados”, seção de *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, de Svetlana Aleksievitch. Meu objetivo é investigar nela aspectos interpretáveis como heroicos, hipoteticamente tecidos em testemunhos de militares e civis que trabalharam nos escombros da catástrofe de Tchernóbil. Procuo demonstrar que tais declarações, ao serem examinadas à luz de reflexões críticas e teóricas acerca da obra da autora, da mentalidade heroica do século XX e da própria figura do herói, fazem perceber tanto a natureza e o peso do heroísmo na União Soviética como os limites da condição a qual ele é capaz de propiciar àqueles que efetivamente se tornam heróis nas circunstâncias focalizadas pela narrativa.

Palavras-chave: Testemunho; Heroísmo; União Soviética; Não ficção; Literatura.

ABSTRACT

In this paper, I study “The soldier’s chorus”, a section from Svetlana Alexievich’s *Voices from Chernobyl: The Oral History of a Nuclear Disaster*. My purpose is to investigate aspects that, being hypothetically present in testimonies given by men who worked near Chernobyl Nuclear Power Plant after its catastrophic collapse, are subject to be interpreted as heroic. It is my attempt to demonstrate that these statements, when examined in relation to critical and theoretical reflections regarding the author’s work, the heroic mentality of the 20th century and the very figure of the hero, reveal the nature and weight of heroism in Soviet Union as well as the limits of the condition that it can provide to those who have become heroes in the circumstances focused by Alexievich’s narrative.

Keywords: Testimony; Heroism; Soviet Union; Nonfiction; Literature.

ⁱ Doutorando em Letras - Literaturas de Língua Portuguesa (PUC Minas). Bolsista (CAPES). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2616-3161> / arthur-passos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Neste artigo,² estudo “Coro de soldados”, seção da segunda parte – “A terra dos mortos” – da obra *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, produzida pela autora bielorrussa Svetlana Aleksievitch, publicada pela primeira vez, em russo, em 1997, com o título *Chernobylskaya molitva*, e traduzida no Brasil para o português, em 2016, pela professora Sonia Branco. Meu objetivo é investigar, nessa parte da narrativa, elementos passíveis de serem interpretados como heroicos, hipoteticamente presentes em testemunhos coletados pela escritora por meio de entrevistas a sujeitos que, enquanto soldados, de carreira ou em situação voluntária, e exercendo variadas funções, trabalharam nas tentativas de contenção dos danos da catástrofe de Tchernóbil, ocorrida em 26 de abril de 1986, na Usina Nuclear Vladimir Lenin, localizada próximo à cidade ucraniana de Prípiat e à fronteira com a Bielorrússia, então territórios da hoje extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (União Soviética – URSS). Com tal propósito em vista, procuro demonstrar a hipótese de leitura segundo a qual declarações fornecidas por esses homens a Aleksievitch dão a perceber a natureza e o peso do heroísmo soviético, salientando algumas de suas características e sua importância no contexto em que emerge, e/ou revelam limites do lugar que essa heroicidade propicia a quem o alcança, expondo, de maneiras mais ou menos ostensivas, seus problemas, fragilidades ou insuficiências.

Para desenvolver meu argumento, estruturo a investigação em duas partes principais. Na primeira, invisto na fundamentação teórica, crítica e metodológica para a análise do heroísmo soviético e de seus limites em “Coro de soldados”. Nesse esforço inicial, saliento e discuto, ligeiramente, as dimensões testemunhal, discursiva e, sobretudo, não ficcional de *Vozes de Tchernóbil* como um todo; defendo a pertinência de considerar, à luz de categorias muitas vezes encontradas em estudos da ficção, como são os casos de “herói” e “anti-herói”, os sujeitos de carne e osso reconcebidos como “vozes” naquele segmento da narrativa; e destaco três elementos associáveis à heroicidade – belicismo, demonstração de capacidades superiores e obtenção de reconhecimento alheio por proezas – para o exame do referido bloco textual. Na segunda parte, embasado em proposições que possibilitam tomar tais elementos como heroicos, comento e reproduzo fragmentos de testemunhos que trazem à tona contornos

do heroísmo soviético e/ou desestabilizam o valor do posto que o rótulo de herói auferia aos homens que o atingem a partir das atividades de limpeza, evacuação e restrições na região circunvizinha à ocorrência da catástrofe de Tchernóbil. Nesse exercício, privilegio, com efeito, os três aspectos mencionados como vinculáveis à heroicidade nas circunstâncias enfocadas no/pelo texto de Aleksievitch, mas também busco pontuar, ainda que de passagem, a presença de outros elementos interpretáveis como tais.

ENQUADRAMENTO DO PROBLEMA

Apoiado em reflexões de Márcio Seligmann-Silva (2005), João Moreira Salles (2005) e Beatriz Sarlo (2007), entendo que *Vozes de Tchernóbil* pode ser observada como obra constituída de três dimensões estruturantes: testemunhal, não ficcional e discursiva. Vejo-a como testemunho por contemplar, mediante o emprego de estratégias mais ou menos próprias, as quatro categorias de ordem composicional que norteiam Seligmann-Silva, em “Literatura, testemunho e tragédia: pensando algumas diferenças”, na apresentação de textos do gênero recebidos, ao longo do século XX, na Europa, principalmente na Alemanha, com a nomenclatura *Zeugnis*, e na América Latina, com a denominação *testimonio*: “o evento”, “a pessoa que testemunha”, “o testemunho” e “a cena do testemunho” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 83-91).³ Em razão do caráter não ficcional do documentário, segundo definição proposta por Salles em “A dificuldade do documentário”, considero a produção de Aleksievitch como parente deste gênero cinematográfico por corresponder, em boa medida, a “certa estrutura narrativa”, obediente a “uma responsabilidade ética para com [...] [os] personagem[ns]” nela (re)construídos (SALLES, 2005, p. 70). Partindo do contraste entre discurso e história, recuperado por Sarlo em “A retórica testemunhal”, em diálogo direto com o Paul Ricoeur de *Tempo e narrativa* e de *A memória, a história, o esquecimento*, observo o texto sobre a catástrofe de Tchernóbil como discurso por evidenciar traços e/ou mecanismos como o recurso à “memória” e à “subjetividade”, a “inevitável” regência do passado pelo “presente da enunciação”, o favorecimento à “coerência”, a implicação do narrador nos fatos que conta e o pertencimento a uma “retórica da persuasão” (SARLO, 2007, p. 48-49).

Entretanto, outros aspectos da produção de *Vozes de Tchernóbil* relativizam sua convergência com a teoria. Por exemplo, baseando-me em crítica de Sophie Pinkham (2016) acerca de obras testemunhais de Aleksiévitich, apresentada em “Witness Tampering: Nobel Laureate Svetlana Alexievich Crafts Myths, Not Histories”, parece-me que a característica não ficcional da narrativa sobre a catástrofe de Tchernóbil é a mais discutível dentre aquelas que tomo como dimensões estruturantes do texto. De forma geral, segundo a estudiosa, a autora persegue, assumidamente, um projeto de escrita que ela mesma chama de “literário”, o que tanto está de acordo com sua rejeição, explícita ou implícita, dos rótulos de “repórter”, “jornalista investigativa” e “historiadora contemporânea”, que lhe exigiriam maior “fidelidade” aos fatos focalizados, quanto lhe concede, em paralelo, maior liberdade na “seleção” e no “tratamento” do material colhido para a composição de seus livros (PINKHAM, 2016; tradução minha).⁴ Além disso, ainda conforme Pinkham, a escritora apresenta de tal modo os testemunhos coletados nesse processo, valendo-se, ao que parece, dessa mesma liberdade, que acaba por obter efeitos “primariamente estéticos, ainda que criem discrepâncias”, ou por fazer notar sua perspectiva particular a respeito do que é tratado (PINKHAM, 2016; tradução minha).⁵ Em passagens de *Vozes de Tchernóbil*, a “natureza literária de suas intenções e métodos” e o “reflexo da mudança de seus valores políticos” (PINKHAM, 2016; tradução minha), para usar os termos de Pinkham, são indiciados pela própria Aleksiévitich como participantes de sua obra. Numa dessas passagens, inclusa no apêndice “A batalha perdida”, a autora defende o caráter literário de seu trabalho, ao expor os meios a que recorre para encontrar e mostrar a “verdade” – a “história da alma”, a “vida cotidiana da alma”, a “história omitida” – e ao responder negativamente à crítica subjacente de que tais meios – “recolho sentimentos, pensamentos, palavras cotidianas”, “reúno a vida do meu tempo” – são indignos da “literatura”, e trata como inescapável o imbricamento entre “fato e ficção”, ao sustentar a necessária parcialidade dos enunciados que compõem suas produções, dominadas por discursos testemunhais, e ao afirmar o cunho performativo e artístico da narração a que seus entrevistados procedem (ALEKSIÉVITCH, 2016).

Considerando tais observações em torno da obra de Aleksiévitich, em geral, e de *Vozes de Tchernóbil*, em particular, caracterizo o livro como produção provavelmente mista, pelo fato de a autora se utilizar de recursos tipicamente verificados em narrativas

não ficcionais, como o emprego confesso da entrevista como meio de conseguir material para ser nele articulado e a reprodução expressa dos nomes civis dos sujeitos que dele participam como testemunhas, e, ao mesmo tempo, de reconhecer algum espaço para a criação, em nome de seu projeto literário e de seu ponto de vista acerca do que constitui o objeto do texto. Se faz sentido a caracterização de *Vozes de Tchernóbil* como produção híbrida, ainda que a título provisório, poderia parecer inapropriado o uso, direto ou indireto, das categorias “herói” e “anti-herói”, supostamente mais adequadas a estudos de obras ficcionais, cujos personagens, em tese, só existem em seu interior, para investigar a presença de elementos “heroicos” e/ou de seus limites em “vozes” de indivíduos que existem, também, exteriormente à narrativa de Aleksievitch. Índícios do elo aparentemente necessário entre a figura do herói e de sua contraparte, com ou sem conotações épicas ou antiépicas⁶ por um lado, e trabalhos sobre a ficção, por outro, podem ser notados na presença de verbetes para os termos “herói” – ou, quando ausente, incluso com a nomenclatura “epic” – e “anti-herói” em todos os dicionários de literatura a que tive acesso no desenvolvimento desta pesquisa, bem como no teor desses verbetes (ABRAHMS, 1999, p. 11; ABRAHMS, 1999, p. 76-78; BALDICK, 2001, p. 13; BALDICK, 2001, p. 112; CHILDS; FOWLER, 2006, p. 9; CUDDON, 2013, p. 41-42; CUDDON, 2013, p. 329; MOISÉS, 2013, p. 28-29; MOISÉS, 2013, p. 225-226; MONIZ, 2009a; MONIZ, 2009b; MURFIN; RAY, 2009, p. 21-22; MURFIN; RAY, 2009, p. 223; SAGE, 2006, p. 105-107), e na alta frequência de investigações sobre esses tipos de personagens em abordagens de cunho eminentemente literário, conforme ilustra, mesmo que de maneira bastante limitada, a maior parte dos ensaios constantes de um dos livros em que mais me detive para empreender este trabalho.⁷

Mas, embora a associação entre ficção e heroicidade seja, de fato, significativa, há, pelo menos, três argumentos que me parecem capazes de sustentar a pertinência do uso da categoria heroica para a análise do heroísmo soviético e de seus limites em “Coro de soldados”. O primeiro é que tal associação não é única nem exclusiva, uma vez que a figura do herói pode ser identificada também em contextos não diretamente ligados à ficção. Um deles, mais restrito, é o da mitologia, que, a propósito, parece conter a manifestação originária da noção de herói, propiciando, mais tarde, sua reconstrução em modo literário, conforme explica Lorna Sage, na esteira da *Poética*

aristotélica, em verbete do *Routledge Dictionary of Literary Terms*: “os heróis de Homero, para Aristóteles, são elementos da unidade da ação, e não sua origem e fim, como nas lendas pré-literárias acumuladas espontaneamente; na epopeia ou na tragédia, os heróis existem em função do todo literário” (SAGE, 2006, p. 106; tradução minha).⁸

Outro contexto, mais abrangente, é indicado pela lexicografia genérica, que vê o herói além da literatura. As duas primeiras acepções de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira para o termo em seu *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, por exemplo, conservam traços muitas vezes relacionados à figura, mas não explicitam qualquer vínculo seu com a ficção ou mesmo com a mitologia: “1. Homem extraordinário por seus feitos guerreiros, seu valor ou sua magnanimidade. 2. *P. ext.* Pessoa que por qualquer motivo é centro de atenções” (FERREIRA, 1999, p. 1.037; grifo do autor). O segundo argumento é que aspectos, modelos e mesmo personagens heroicos pensados ou criados no âmbito da ficção podem ser efetivamente úteis para a análise de obras tidas como não ficcionais. O ensaio “Primo Levi e o canto de Ulisses”, de Brombert (2001), oferece mostras disso na medida em que a figura do Odisseu de *A divina comédia*, de Dante Alighieri; o tom altissonante, comum a narrativas épicas; e o tipo heroico “romântico”, disponível na literatura e no cinema, são pertinentemente mobilizados pelo estudioso na leitura de testemunhos do autor ítalo-judeu.

O terceiro e último argumento, talvez mais importante e decisivo do que os demais, é que o heroísmo pode ser observado como um elemento, embora não exclusivo, da própria cultura soviética. Nesse contexto restrito, com duração formal inferior a um século, a condição heroica goza de existência anterior e autônoma em relação a *Vozes de Tchernóbil*, tendo, em si mesma, força histórica, política e filosófica e estando, assim, além das fronteiras do texto que, no entanto, parece lhe fazer referência. A relação da heroicidade com a URSS pode ser demonstrada, teoricamente, a partir da leitura de conferências de Alain Badiou (2007) pronunciadas no Collège International de Philosophie entre 1998 e 2001 e reunidas na forma de ensaios no livro *O século*. Num deles, intitulado “O irreconciliado”, o estudioso apresenta a noção de “paixão pelo real”, concebida por ele como “a chave de toda a compreensão do século” XX e marcada pela “convicção do advento real do homem novo” (BADIOU, 2007, p. 58-59; grifo do autor). Essa certeza, que, aos olhos de Badiou, coloca comunistas e fascistas em posição similar, legitima o emprego de todo tipo de violência dedicada à

destruição do chamado “homem velho”, ignorando-se completamente a “singularidade das vidas humanas”, e à simultânea abertura de vias para a emergência do “proletário aprumado na soleira do mundo emancipado” ou do “ariano exemplar, do Siegfried arrasando os dragões da decadência”, conforme explica e ilustra o ensaísta na seção inaugural da obra, “Questões de método” (BADIOUS, 2007, p. 21). Uma vez que a violência, sistemática e extrema, apenas se insinua, na leitura de Badiou acerca do século XX, como aspecto associável ao que Brombert (2001, p. 16) denomina “código heroico” – ao qual retornarei logo adiante –, cabe mencionar a passagem, também de “O irreconciliado”, em que o filósofo observa a experiência do período como uma “*Ilíada* subjetiva”, vivida por seus atores “de modo heroico e épico”, que sublima a “barbárie” e a “crueldade”, provavelmente em razão da concepção de real que, ao que parece, predominava na época: “horrível e entusiasmante, mortífero e criador” (BADIOUS, 2007, p. 58-59).

Para finalizar o enquadramento do problema desta investigação, a que espero ter dado suficiente tratamento, destaco, muito brevemente, os elementos heroicos que me servem de referência no exame da presença do heroísmo soviético e de seus limites na seção “Coro de soldados”. A princípio, devo dizer que, nesse recorte de *Vozes de Tchernóbil*, encontrei vários elementos associáveis à posição do herói, constituídos na palavra de diversas testemunhas, entrevistadas por Aleksievitch, que haviam tentado, por dever e/ou por vontade própria, contornar em alguma medida as terríveis consequências da catástrofe de que trata a narrativa. Porém, por causa da curta extensão deste trabalho, que torna difícil analisar com alguma propriedade tais elementos em grande número, privilegiarei apenas três deles: a tendência bélica, a prova de excelência e a conquista de benefícios, materiais e imateriais, advinda de feitos considerados grandiosos. Apesar dessa necessária escolha, também procurarei pontuar outros aspectos passíveis de serem vistos como heroicos, à medida que surgirem, conectados àqueles, nos excertos comentados.

O HEROÍSMO SOVIÉTICO E SEUS LIMITES EM “CORO DE SOLDADOS”

Na tentativa de demonstrar a presença do heroísmo soviético e de seus limites em “Coro de soldados”, dialogo com estudiosos que, valendo-se de abordagens diversas, sobretudo no campo dos estudos literários, dedicaram-se, em algum grau, ao tema do herói. De início, ressalto o traço bélico frequentemente vinculado à condição heroica, do que fornece exemplo a primeira definição de “herói”, de alcance mais lato, proposta por Ferreira (1999) e já reproduzida aqui. Do ponto de vista histórico e literário, cabe lembrar, retomando Sage (2006), que tal figura remonta ao mito, reaparecendo mais tarde, por exemplo, nas epopeias homéricas, como são os casos, entre tantos outros, de Odisseu e Aquiles. Devido à presença marcante dessa espécie de personagem no referido gênero e, principalmente, a sua subordinação a determinada unidade literária, com a qual estabelece, em tese, um significativo nível de coerência, em razão mesmo de seu papel mais convencional de protagonista das ações narradas, parece-me lícito utilizar a perspectiva de Moisés a respeito do conteúdo do tipo de narrativa em que é, no caso em questão, (re)elaborado: “a poesia épica deve girar em torno de assunto ilustre, sublime, solene, especialmente vinculado a cometimentos bélicos” (MOISÉS, 2013, p. 155). Ao introduzir seu breve comentário sobre *Cândido*, de Voltaire, que interpreta como crítica à heroicidade, Brombert também comunica a forte relação entre a condição heroica e a guerra, aproveitando para indicar, também, outros aspectos geralmente observados na figura do herói: “a denúncia do código heroico, um código muitas vezes associado à guerra, à violência e ao culto da virilidade, está claro que não é nova” (BROMBERT, 2001, p. 16). No ensaio “A canção de gesta e o épico medieval”, Ligia Vassallo (1992), de certo modo, mescla as duas opiniões, ao reforçar a temática bélica de narrativas épicas, percebendo nelas uma relação próxima ou mesmo necessária entre heroísmo e guerra, e ao relativizar, à luz da história, as proezas heroicas poeticamente (re)construídas, pondo em dúvida seu valor supostamente absoluto:

os grandes feitos não são necessariamente heroicos; eles se prendem àqueles que os praticam dentro de um contexto histórico-social específico. Com o passar do tempo, o contingente é eliminado, e tais feitos – sempre associados a contendas, disputas, batalhas e guerras – são esvaziados de seu ambiente real, simplificados e purificados, tornando-se assim exemplares, típicos, lineares, idealizados (VASSALLO, 1992, p. 83).

Em “Coro de soldados”, o heroísmo soviético e a própria cultura de que faz parte, são, com frequência, tecidos como marcados pelo aspecto bélico. Nos casos em que esse traço se manifesta, é relacionado pelas testemunhas que o articulam em seu discurso às tentativas de contenção dos efeitos da catástrofe de Tchernóbil.⁹ A busca pela posição singular que esse trabalho propicia a quem nele se engaja pode ser enunciada tanto de maneira direta, com menção a termos ligados à heroicidade, como indireta, dispensando esse recurso. Começo pelo segundo caso, ilustrando-o com a declaração de um dos voluntários entrevistados por Aleksievitch, que alude a vários elementos legíveis como heroicos naquele contexto. Sublinho, por exemplo, que ele indica que seus serviços rendiam benefícios materiais e honras militares, algo que será relacionado, mais à frente, com a ideia, também heroica, de reconhecimento por proezas, ao mesmo tempo em que rechaça veementemente que eles constituíssem motivação para sua presença ali – “o objetivo era arrebanhar alguma medalha? Privilégios? Asneiras! Eu pessoalmente não precisava de nada. Apartamento, carro... Que mais? Ah, uma *datcha*... Eu já tinha tudo” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 83-84; grifo da autora)¹⁰ –; justifica sua colaboração com o argumento de querer se mostrar homem, desejo que pode ter a ver com o “culto da virilidade” mencionado por Brombert (2001, p. 16) – “o que me impulsionou foi uma espécie de arroubo masculino. Para lá vão homens de verdade, fazer coisas de verdade. E o resto? Que fique em casa, debaixo da saia das mulheres...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 84) –; admite os riscos e perigos implicados nas atividades desempenhadas na região, sem que isso o tivesse dissuadido de seus intentos – “sim, é arriscado” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 84)¹¹ –; e afirma, paralelamente, a necessidade de se sacrificar pelos demais – “sim, é perigoso, é radiação, mas é preciso fazer alguma coisa pelos outros” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 84).¹² Já ao final de sua declaração, que nos importa ainda mais neste parágrafo, o entrevistado, ao propor a si mesmo e à autora uma questão significativa – “não foi isso que nossos pais fizeram na guerra?” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 84) –, aproxima suas ações, naquelas circunstâncias, às de seus antepassados em guerras pregressas, sugerindo alguma convergência entre elas, e dá a entender que o conflito armado é tanto uma constante da cultura soviética, por atravessar pelo menos duas gerações consecutivas num curto intervalo, como constitui parte da heroicidade por ela engendrada, por apresentar elementos passíveis de serem interpretados como heroicos.

A relação do trabalho desempenhado próximo à usina nuclear de Tchernóbil com a guerra e, por extensão, com a cultura e o heroísmo soviéticos, que a ela parecem se ligar intimamente, conforme indicia o discurso da testemunha analisado no parágrafo precedente, é tecida de modo mais direto na declaração de outro indivíduo, ex-combatente. Antes, interessa notar que sua palavra, referindo-se a duas situações superficialmente distintas – a guerra na acepção convencional do termo e a atuação específica naquele contexto catastrófico – endossa a do voluntário anteriormente examinada no que diz respeito à necessidade de servir ao outro, a despeito das dificuldades, parecendo demonstrar, inclusive, não apenas sentimento de dever para com o próximo, mas uma ponta de orgulho pela participação direta naquelas circunstâncias: “fomos soldados na guerra, precisavam de nós. Esquecemos o mal, mas isso ficou. Ficou o fato de que sem você não teriam conseguido... Você foi útil...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 87). No desfecho de seu enunciado, que chama ainda mais minha atenção no que concerne à junção entre belicismo e heroicidade, o soldado caracteriza o estado soviético como perpassado, quantitativa e qualitativamente, pelo militarismo, elemento capaz mesmo, ao que parece, de conferir sentido e importância à vida dos sujeitos que agem em ocorrências extremas ligadas à URSS – “o nosso sistema, em geral militar, funciona perfeitamente em situações-limite. Lá, você é livre e imprescindível. Liberdade! E o russo, nesses momentos, mostra como é grandioso! Único!” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 87) –, e, logo em seguida, associa diretamente à condição heroica o foco dado à guerra, associação que até mesmo serve, em sua perspectiva, para distinguir os soviéticos, ou “o russo”, de indivíduos de outras nacionalidades: “nunca seremos como os holandeses e os alemães. Não teremos asfalto inquebrável nem gramados bem cuidados. Mas sempre haverá heróis!” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 87).

No entanto, capto tons menos exaltados, que dão a ver limites do heroísmo soviético, nas declarações desses mesmos soldados que relacionam à guerra as atividades de contenção dos danos da catástrofe de Tchernóbil. Os pontos de vista articulados com esses tons indicam que a condição heroica, embora tenha valor para muitos dos sujeitos ouvidos por Aleksievitch, se não para todos eles, pode ser encarada como insuficiente por aqueles que efetivamente a alcançam. Ilustro essa insuficiência com a atribuição, direta ou indireta, de desdobramentos claramente negativos à

heroicidade conquistada em Prípiat e região, e com a revelação de perplexidade experimentada naquele mesmo espaço, enunciadas por diversos heróis de Tchernóbil. A pergunta colocada pelo soldado citado dois parágrafos acima – o qual parece questionar a masculinidade de indivíduos que haviam se recusado a se deslocar para os arredores da usina, justificando-se com preocupações familiares: “um apresentava atestado de que a mulher estava à beira de parir, outro, que tinha um filho pequeno...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 83) – pode ser interpretada como constatação de um fardo que ele preferiria, talvez, não ter carregado, dadas as prováveis consequências de ter estado ali como voluntário. Essa leitura encontra respaldo, acredito, na abrupta interrupção de sua entrevista e no teor de sua última declaração a Aleksievitch. Nela, o soldado conta que o filho, diagnosticado, mais tarde, com câncer, aparentemente devido ao uso constante de um barrete anteriormente utilizado por ele durante suas atividades, tornou-se vítima colateral da catástrofe nuclear: “dei o barrete para o meu filho pequeno. De tanto que ele me pediu. Pediu e não largou mais. Depois de dois anos, veio o diagnóstico: tumor no cérebro. Daqui para a frente, você escreve... Não quero mais falar...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 83). Já o discurso do soldado mencionado no parágrafo acima, apesar do tom aparentemente enaltecido com que termina, é marcado, em boa medida, pela referida perplexidade, supostamente causada pela quase completa novidade da situação, relacionável a uma guerra convencional mas, ao mesmo tempo, tida como próxima à inapreensibilidade, e pela escassez de informações oficiais a respeito dela, delineando, talvez, uma crítica, mais patente em outros casos, aos líderes soviéticos que tentavam exaltar, no espírito de seus subordinados, a busca pela condição heroica sem demonstrar cuidado com as possíveis consequências negativas dessa procura para os próprios soldados. Bem no começo de sua entrevista, a testemunha – que a concluirá apontando, como deve ter sido percebido, falhas do regime em termos de zelo com o bem-estar da população – manifesta como sua e como de outros a perplexidade por eles experimentada no entorno da usina:

de início houve uma perplexidade geral. A sensação de que se tratava de manobras militares. De um jogo. Mas era uma guerra de verdade. Uma guerra atômica... Algo desconhecido para nós: o que temer e o que não temer, o que evitar e não evitar? Ninguém sabia. E não havia ninguém que pudesse responder (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 86).

Outro aspecto vinculável ao heroísmo é a atestada capacidade de superar provações, postas pela natureza interna, externa e/ou pelo outro, a qual confere ao herói um lugar degrau acima do ser humano médio. Em verbete do *E-dicionário de termos literários* organizado por Carlos Ceia e António Moniz (2009b), embora não enfatize, como fazem outros autores, o caráter competitivo desse aspecto em sua acepção de herói, entende e ilustra, com exemplos retirados de inúmeros e variados textos, de épocas e lugares distintos, que o sujeito heroico é aquele que se diferencia, positivamente, da generalidade dos homens. Em seu parecer, tal figura, ao mesmo tempo em que “representa a condição humana [...], representa facetas e virtudes que o homem comum não consegue mas gostaria de atingir” (MONIZ, 2009b). Em sua leitura de *Homo ludens*, de Johan Huizinga, Brombert (2001) atenta-se, mais expressamente, à disputa que o herói, para se provar como tal, tem de travar com o outro, com a natureza e/ou consigo próprio. Na citada interpretação, feita em viés que põe em xeque a grandeza moral desse indivíduo, às vezes tida como “evidente”, o crítico explica que o herói é compreendido por aquele estudioso como “apenas um exemplo superior de *homo ludens*”, que atinge a condição que o marca e que o coloca em plano elevado ao “dominar o ego, enfrentar obstáculos e provas, e ser vitorioso” ou ao “sobressair em competição” (BROMBERT, 2001, p. 18). Debruçando-se, de maneira mais específica, sobre o elemento competitivo nos primórdios das Olimpíadas, na Grécia antiga, Hans Ulrich Gumbrecht (2007) endossa, nesse enquadramento, os pontos de vista de Moniz (2009b) e de Huizinga, via Brombert (2001), em torno da relação entre heroicidade e comprovação do poder de ultrapassar barreiras que se apresentam como inacessíveis ao ser humano ordinário. Em capítulo de *Elogio da beleza atlética*, o pesquisador ressalta a combinação entre a condição heroica e a superioridade que ela é capaz de garantir a quem a alcança, inclusive aproximando tal sujeito dos deuses gregos, e interpreta a concorrência esportiva como meio pelo qual o herói, efetivamente, atinge reconhecimento semidivino, conforme prevê a própria etimologia da palavra:

como os limites que separavam os humanos dos deuses gregos eram permeáveis, buscar o nível mais alto de perfeição física e vencer uma competição olímpica realmente elevava o vitorioso ao status de semideus (o significado antigo de “herói” é “semideus”) (GUMBRECHT, 2007, p. 75).

Em “Coro de soldados”, a capacidade de superar os desafios impostos pela catástrofe de Tchernóbil, apesar da invencibilidade de seus efeitos,¹³ é, em certo sentido, autoevidente, na medida em que as testemunhas que se pronunciam nessa seção da obra cumpriram, de fato, difíceis papéis nas situações que a sucederam, não obstante o preço que tiveram que pagar por isso. Mesmo assim, cumpre demonstrar, mediante comentários sobre trechos da narrativa, a relação que tal aspecto estabelece com o heroísmo soviético. Com esse intuito em mente, chamarei a atenção para manifestações da vontade de vencer as provações colocadas pelas circunstâncias, a qual motiva a fazê-lo os indivíduos que a elas se submetem, bem como para expressões da materialização dessa mesma vontade, perceptíveis, todas elas, em declarações de sujeitos entrevistados por Aleksievitch. No primeiro depoimento de “Coro de soldados”, talvez, dentre todos, o mais positivamente prenhe de heroicidade, um ex-liquidador sugere saber que, para alcançar à condição heroica, precisa superar a si mesmo, o que quer dizer ser bem-sucedido, dentro das possibilidades, na missão que lhe foi confiada: “eu queria fazer algo heroico. Experimentar a minha capacidade” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 78). Para reforçar o argumento de sua busca por um lugar no panteão heroico do país, ele indicia, também, a intenção de fazer mais do que o outro, ao expressar a experiência de um “sentimento” “bem diferente” do de um sujeito que havia rechaçado dirigir-se a Prípiat com a justificativa de que queria continuar vivo e que, no fim das contas, parece ter sido coagido por seus superiores, sob o risco mesmo de perder a vida, a cumprir a parte que lhe cabia: “um rapaz, parece que de Leningrado, protestou: ‘Eu quero viver’. Ameaçaram levá-lo ao tribunal. O capitão disse assim diante da formação: ‘Ou você vai para a prisão ou para o paredão’. O meu sentimento era outro. Bem diferente” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 78). Mais à frente, a testemunha conta que ele e seus companheiros de limpeza na região suportavam até o que “as máquinas” e “os “robôs” não suportavam, apresentando situação de superação em relação a objetos externos que, em outros discursos, surgem como tecnologicamente avançados e, por isso, mais apropriados, em tese, para aquele serviço: “os robôs não aguentavam o trabalho, as máquinas ficavam loucas. Mas nós trabalhávamos” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 79). Logo a seguir, o soldado demonstra orgulho desse fato, que, nas entrelinhas, considera proeza e cujas consequências, naquele momento, pareciam-lhe pequenas, se é que tinham algum significado a seus olhos, diante da condição heroica a ser conquistada, e

permite notar a temeridade de suas ações, ao reforçar, ainda que sem lhes dar a devida importância, a constatação dos riscos para a saúde implicados na empreitada de Tchernóbil:

às vezes descia sangue dos ouvidos, do nariz. A garganta ficava irritada, os olhos ardiam. Surgia um ruído constante e monótono nos ouvidos. [...]. Íamos ao trabalho nas carrocerias abertas dos caminhões. Mas trabalhamos bem. E nos orgulhamos muito disso... (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 79).¹⁴

Por outro lado, o heroísmo soviético, no que concerne à aptidão do militar ou do civil para realizar feitos incomuns e à assunção a lugar vedado ao homem trivial, devido à mostra dessa capacidade, no caso focalizado, nos escombros da catástrofe de Tchernóbil, apresenta-se como limitado no testemunho de outro soldado entrevistado por Aleksiévitich, piloto de helicóptero, cuja dicção é marcada, do começo ao fim, por um tom menos altissonante em comparação com o perceptível na declaração do sujeito do parágrafo anterior. É verdade que, a princípio, seu discurso, apesar do tom menos elevado que adquire em sua enunciação, revela que ele também queria se fazer herói, vontade que poderia ganhar concretude se percorresse dois caminhos complementares em sua perspectiva: o cumprimento de ordens dadas por autoridades militares e o atendimento à motivação interna que o predisponha a se configurar como tal: “eu sou um soldado, recebo ordens e as cumpro. Prestei juramento. Mas isso não é tudo. Dentro de mim havia também um impulso heroico” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 81). A um rápido olhar, a primeira via parece destituída de qualquer nota de heroicidade, por implicar inteira obediência do soldado a uma instância superior, o que ressalta, de início, a ocupação de uma posição subalterna em relação a um poder mais alto. Mas mesmo a completa submissão à autoridade não nega, nem mesmo minimiza, necessariamente, o valor da procura pela condição heroica, na medida em que pode consistir num meio legítimo para alcançá-la. Essa legitimidade é, com efeito, dada pela testemunha ouvida pela autora, que aceita, sem mostras de ter sido coagido a tal, ou “mediante escolha e o exercício do livre arbítrio” (BROMBERT, 2001, p. 16), o jugo ao qual se obriga a corresponder, o que vejo no uso do juramento militar como forma de justificar o cumprimento incondicional de mandos que lhe pesem, por mais difícil que seja sua execução. Quanto ao segundo trajeto, cujo heroísmo é, pelo menos na superfície, explícito, sublinho, de novo, seu grande alcance na URSS, bem como seu

vínculo com a manifesta superação de provações e com o brilho que dela advém. Estimulado desde cedo por diversos atores e aparatos sociais, políticos e culturais do país, o “impulso heroico” citado pela testemunha é passível de ser recebido pelos heróis de mais tarde como capaz de lhes atribuir distinção entre os seus, conforme parecem acreditar aqueles que, com o desempenho de “atos heroicos”, queriam poder se exibir na imprensa ou, mais significativamente, mudar o curso das coisas:

isso [o “impulso heroico”] era inculcido em todos nós desde a escola, e também pelos pais. E pelos conselheiros políticos. Pelo rádio e pela televisão. Pessoas diferentes reagem de formas distintas: uns queriam dar entrevistas, sair nos jornais; outros viam aquela situação apenas como um trabalho a mais; outros ainda... Eu me relacionei com uns e outros e posso dizer que esses homens sentiam que estavam realizando um ato heroico. Estavam escrevendo a história (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 81-82).¹⁵

Mas, como mencionei no início do parágrafo anterior, o valor do heroísmo soviético, que consiste, no caso em questão, no efetivo engajamento dos soldados contra as provas colocadas pela catástrofe de Tchernóbil ou na consequente obtenção de lugar superior em comparação ao ocupado pelo homem comum, é posto em dúvida no decorrer e em diversas partes do depoimento da mesma testemunha. Ao confidenciar sentimento de “dor” por ter questionada a relevância, para ele expressamente “heroica”, de sua participação, bem como a de seus companheiros, naquele contexto, os quais parecem ser acusados de mercenários, assim como sucedeu a outro soldado mencionado nesta seção, o militar sugere que a heroicidade de todos eles, ali alcançada, não é suficientemente reconhecida como tal: “depois nos jogaram na cara: ‘Juntaram uma dinheirama por lá, e agora querem carros, móveis, e tudo na hora’. Isso dói, claro. Porque aquilo também foi heroico” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 82). Em seguida, ele admite que, a caminho da região onde se dera a explosão de um dos reatores nucleares da usina, experimentou “medo”, sentimento que coloca, pelo menos naquele momento inicial, a gravidade da situação, ou mesmo seu espanto diante dela, acima de suas pretensões heroicas: “quando eu estava indo para lá, senti medo” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 82). Mais adiante, o indivíduo diz que seu papel naquela situação, ainda que áspero, passou a lhe parecer menos grandioso do que seu “impulso heroico” possivelmente o fazia supor antes do início das atividades no local, pois mostrou consistir em “trabalhos” e “tarefas” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 82) – conforme já

notado, segundo ele próprio, por alguns de seus colegas –, e não exatamente em “escrever a história”, ou em fazer algo realmente impressionante: “voávamos do amanhecer ao anoitecer. Não havia nada de fantástico nisso. Era trabalho, um trabalho duro” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 83). Ao fim de seu discurso, o enunciador, lembrando-se de ter sido, mais tarde, retratado como herói no próprio diário oficial da URSS por essa difícil lida, sugere, com o choro provavelmente desgostoso da mãe – a passagem me parece ambígua –, que o heroísmo soviético, apesar de sua importância, e mesmo imprescindibilidade,¹⁶ naquela situação, podia, de fato, ser encarado com reservas por outrem enquanto galardão ali obtido: “não disse aos meus pais que estava indo para Tchernóbil. O meu irmão por acaso comprou o jornal *Izvéstia* e lá deu com o meu retrato e o mostrou à nossa mãe: ‘Veja aqui, ele é um herói!’ A minha mãe começou a chorar...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 83; grifo da autora).

Seguindo o último trecho, pulo para o terceiro aspecto que, nesta investigação, ligo ao heroísmo: o reconhecimento que o herói recebe por suas proezas. Esse reconhecimento, que o legitima enquanto tal, aos olhos do outro, ao autenticar sua capacidade de superar proações e limites humanos, é perceptível, pelo menos, desde a Grécia antiga. Naquele momento e lugar, os heróis constituíam objeto de culto, sendo vistos como semelhantes aos deuses em alguma medida, por terem sido parcialmente gerados por um, por estabelecerem com eles algum tipo de contato ou por terem praticado ações que os distinguiam positivamente dos homens tidos por medianos. Esse entendimento é respaldado, de maneiras mais ou menos convergentes, por Moisés (2013) e Brombert (2001). O primeiro, em verbete já citado, sustenta que, no referido contexto, por mim inferido do exemplo que oferece a seguir, Hércules, “o apelativo ‘herói’ era destinado a todo ser fora do comum, capaz de obrar façanhas sobre-humanas, que o aproximassem dos deuses. Equivalia aos semideuses, produto da aliança entre um deus e uma mortal [...] acabou recebendo o culto das massas” (MOISÉS, 2013, p. 225).¹⁷ O segundo, com base em trabalhos de Bernard Knox sobre o herói em Sófocles, reforça que “no quinto século a.C. o culto dos heróis havia surgido e se tornara uma espécie de fenômeno religioso. Heróis eram homenageados e reverenciados. Eram associados a uma era mítica em que se dizia que homens e deuses entraram em íntimo contato” (BROMBERT, 2001, p. 15). Na modernidade, o reconhecimento dado ao herói por seus feitos parece perder ostensivos contornos religiosos, mas não sua permanência.

Depreendo a continuidade desse respeito de um comentário de Brombert em leitura de Joseph Conrad, Paul Valéry e Victor Hugo:

por força da exaltação da vontade, da ação e da bravura os heróis estavam fadados a ser exemplares mesmo quando ligados a forças tenebrosas e incontroláveis. Eram vistos pairando muito acima dos seres humanos comuns, quase num pedestal, destinados a ser reverenciados como efígies ou monumentos por toda a posteridade (BROMBERT, 2001, p. 19).

O reconhecimento da posição heroica que o outro atribui aos soldados de Tchernóbil salienta-se em vários testemunhos da seção estudada. Como deve ter ficado patente em declaração anterior, ele pode ocorrer na forma de propaganda, veiculada por órgão de imprensa oficial da URSS. Tendo em vista, agora, o discurso de outro militar, cuja função específica era impedir que civis circulassem nas imediações do local da catastrófica explosão, parece que a estratégia publicitária era disseminada naquele contexto, pois, segundo ele, periódicos que não o *Izvétiá* também chegaram a enaltecer, sem meias-palavras, a heroicidade, a bravura e o sacrifício dos que foram trabalhar na região: “nos jornais, alardeavam o nosso heroísmo... Que éramos rapazes valentes, heróis do Komsomol, voluntários!” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 81). Outro enunciador, policial na época, revela que seus superiores, membros como ele do Partido Comunista, haviam-lhe garantido a cessão de novo tributo político-militar, por assim dizer, desde que se deslocasse para colaborar na área isolada, o que fez como pedreiro: “a minha história... Fizeram o apelo e fui. Era preciso. Eu era membro do Partido. Comunistas, avante! Essa era a situação. Eu trabalhava na polícia. Sargento-mor. Prometeram-me uma nova ‘estrelinha’” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 87). Outro depoente, motorista em Tchernóbil, insiste, com o próprio caso, que honras militares e pagamentos vultosos, identificáveis em diversos outros excertos de “Coro de soldados”, eram utilizados pelo governo soviético como meios de afirmar e legitimar heroicidade, subjacente à palavra “façanha”: “pela façanha, eles me deram um diploma e mil rublos” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 86). Outra testemunha, que trabalhou como vigia nas mesmas circunstâncias, aponta, entre outras coisas, que “monumentos militares” também consistiam em forma de homenagem. Sua palavra, porém, como é esperado, não relaciona diretamente esse tipo de honra àqueles soldados que, como ele, faziam-se heróis naquele exato momento. Mesmo assim, ela é útil para reforçar, em alusão específica ao aspecto do

reconhecimento alheio por proezas e em contato com determinados enunciados de seus pares, a já verificada amplitude da noção de heroísmo na União Soviética:

nos escritórios dos colcozes, você via flâmulas vermelhas penduradas, bandeirolas novinhas, pilhas de documentos impressos com o perfil dos líderes. Nas paredes, os retratos dos líderes; sobre as mesas, estátuas de gesso dos líderes. E monumentos militares por toda parte... (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 79).

Entretanto, quando considero outros fragmentos das declarações articuladas por esses mesmos soldados, noto que o valor do reconhecimento que adquirem por seu heroísmo e/ou o lugar supostamente sobranceiro que passam a ocupar em relação à maioria das pessoas são, para dizer o mínimo, relativizados. Isso se evidencia, entre outras situações, na demonstração de perplexidade pela primeira testemunha citada. Apesar da clara caracterização heroica que dele faz a imprensa, o militar enuncia, logo na sequência à passagem reproduzida e já encerrando seu discurso, incompreensão a respeito da própria identidade. Nesse sentido, o rótulo de herói, por mais importância que adquira no contexto da catástrofe de Tchernóbil e mesmo em seu entorno cultural, parece não lhe bastar para entender a si mesmo, assumindo, portanto, a seus olhos, um valor menor do que o suposto: “mas quem éramos nós, na realidade? O que fazíamos? Eu gostaria de saber, de ler em algum lugar. Apesar de ter estado lá...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 81). A construção de dúvidas acerca da relevância da aclamação pública, auferida pelos soldados de Tchernóbil, e, por extensão, acerca do próprio regime soviético, que prevê, mediante sua heroicidade, esse tipo de láurea, pode ser notada no trecho que sucede, também sem intervalo, o fragmento enunciado pelo vigia. Na passagem, a testemunha destaca elementos, situados na área da explosão do reator mesmo antes de sua ocorrência, que julga precários, como as glorificações dedicadas a militares mortos, retirando delas qualquer brilho, e que lhe servem para refletir sobre o significado da vida na URSS: “vi casas mal construídas, feitas a toque de caixa, estábulos de concreto cinza, torres enferrujadas para depósito de cereais... E pequenos e grandes ‘Túmulos da Glória’... ‘É essa a nossa vida?’, comecei a me perguntar, vendo as coisas com outros olhos” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 80). Para não me alongar ainda mais, comento, por último, a declaração dada pelo motorista citado no parágrafo anterior, situada em posição imediatamente anterior ao excerto nele reproduzido, focalizando-a por constituir, em certa medida, uma síntese do que procurei

demonstrar neste trabalho. No referido trecho, o soldado, por um lado, afirma o valor do heroísmo soviético, reconhecendo e exaltando, sem ironia, suas “maravilhas”, mas, por outro, no que é ainda mais firme, denuncia a condução indiferente e desorganizada do exército ao tratar de Tchernóbil, questiona o teor das expressões utilizadas para infundir brio nos militares e voluntários empenhados em suas funções naquelas circunstâncias e coloca em xeque, mesmo admitindo sua beleza, uma das formas sinuosas como outras pessoas denominavam aqueles que estavam na linha de frente pós-catástrofe:

não escreva sobre as maravilhas do heroísmo soviético. Também houve, é verdade. E que maravilhas! Mas primeiro você deve falar da negligência e da desordem, depois das proezas. “Eliminar a canhoneira inimiga. Fazer calar a metralhadora a peito aberto”. Que por princípio ordens assim não deveriam ser dadas, sobre isso ninguém escreve. Eles nos enviavam para lá como quem lança areia no reator. Como sacos de areia. Todo dia afixavam uma nova “lista de combate”: “Trabalhem com valor e entrega”, “Resistiremos e venceremos”. Referiam-se a nós com a bela expressão “soldados do fogo” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, espero ter demonstrado que o heroísmo soviético e alguns de seus limites realmente se manifestam em “Coro de soldados”, seção de *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*, de Svetlana Aleksievitch. No entanto, é preciso reforçar que, devido à extensão do artigo e/ou ao enquadramento dado ao tema da investigação, não pude lidar, à exaustão, com os mais diversos aspectos associáveis à condição heroica verificados no referido segmento da narrativa, nem contemplar, mesmo dentro do pequeno recorte analítico escolhido, todos os testemunhos constantes do excerto estudado, nem comentar, com mais profundidade, outros elementos de interesse surgidos durante o exame proposto. Pesquisas futuras, debruçadas sobre “Coro de soldados” em particular ou *Vozes de Tchernóbil* como um todo, poderão colaborar para o preenchimento de lacunas como essas, se optarem por verticalizar, por exemplo, o que haveria de efetivamente “soviético” no heroísmo tecido nos depoimentos constantes da seção e/ou da obra; a função que teria a política, ou, mais exatamente, o comunismo, na formação dessa condição heroica hipoteticamente específica à URSS; a suposta fragilidade, ou mesmo ausência, de preocupações éticas por parte de líderes do governo e/ou do exército no estímulo à procura pelo lugar de herói incutido em seus

subordinados civis ou militares no contexto da catástrofe de Tchernóbil, considerando, em todo o processo, um possível paradoxo entre deificação e desumanização dos soldados; e o favorecimento que o presente da enunciação concederia à emergência do caráter crítico que enunciados alusivos ou referentes à heroicidade adquirem ao remeter ao passado tratado pelo texto.

No esforço de enriquecerem o aprofundamento do debate em torno do heroísmo soviético em *Vozes de Tchernóbil*, tais entradas de leitura poderão levar em conta, ainda, e com aparente propriedade, a constituição de partes da obra – como a própria seção “Coro de soldados” – na condição de “coro”, estratégia que indicia ecoar, em certos aspectos e em graus mais ou menos significativos, a tragédia grega clássica. Do verbete correspondente à palavra construído por Ceia, destaco, a título meramente ilustrativo e privilegiando traços que parecem convergir com resultados desta investigação, que o coro era “uma personagem colectiva”, capaz de “representa[r] a *pólis*, a cidade-estado, ampliando a acção para além do conflito individual”; que a ele “competia [...] criticar valores de ordem social e moral”, entre diversas outras funções; e que o “texto” que lhe cabia modular nos primórdios do gênero “constituía a parte principal do drama, ao qual se interpolavam monólogos e diálogos” (CEIA, 2009, n. p.; grifo do autor). Além de colaborarem para a discussão referida no início deste parágrafo, exames minuciosos do recurso ao coro na narrativa da catástrofe de Tchernóbil poderão se mostrar proveitosos também para especulações sobre o papel da suposta retomada de elementos trágicos na composição desse testemunho, possivelmente “trágico” em mais de uma acepção, e no projeto de escrita de Aleksiévitich, com foco em suas declaradas intenções literárias.

Referências

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. Tradução de Sonia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. *E-book*.

ANTIHERO. In: ABRAHMS, M. H. *A Glossary of Literary Terms*. 7th ed. Boston: Heinle & Heinle, 1999. p. 11.

ANTIHERO. In: MURFIN, Ross; RAY, Supryia M. *The Bedford Glossary of Critical and Literary Terms*. 3rd ed. Boston. New York: Bedford/St. Martin's, 2009. p. 21-22.

ANTI-HERO/ANTI-HEROINE. In: BALDICK, Chris. *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2001. (Oxford Paperback Reference). p. 13.

ANTI-HERO. In: CHILDS, Peter; FOWLER, Roger. (Ed.). *The Routledge Dictionary of Literary Terms*. 3rd ed. New York: Routledge, 2006. p. 9.

ANTI-HERO. In: CUDDON, John Anthony. *A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. 5th ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013, p. 41-42.

ANTI-HERÓI. In: MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 28-29.

BADIOU, Alain. *O século*. Tradução de Carlos Felício da Silveira. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

BROMBERT, Victor. *Em louvor de anti-heróis: figuras e temas da moderna literatura europeia, 1830-1980*. Tradução de José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CEIA, Carlos. Coro. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/coro>. Acesso em: 25 mar. 2022.

EPIC. In: ABRAHMS, M. H. *A Glossary of Literary Terms*. 7th ed. Boston: Heinle & Heinle, 1999. p. 76-78.

ÉPICA. In: MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 153-158.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HERO. In: CUDDON, John Anthony. *A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. 5th ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013, p. 329.

HERO/HEROINE. In: BALDICK, Chris. *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2001. (Oxford Paperback Reference). p. 112.

HERO/HEROINE. In: MURFIN, Ross; RAY, Supryia M. *The Bedford Glossary of Critical and Literary Terms*. 3rd ed. Boston; New York: Bedford/St. Martin's, 2009. p. 223.

HERÓI. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1.037.

HERÓI/HEROÍNA. In: MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 225-226.

MONIZ, António. Anti-herói. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009a. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/anti-heroi/>. Acesso em: 7 mar. 2021.

MONIZ, António. Herói. In: CEIA, Carlos (Coord.). *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Centre for English, Translation, and Anglo-Portuguese Studies; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009b. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/heroi/>. Acesso em: 7 mar. 2021.

PINKHAM, Sophie. Witness Tampering: Nobel Laureate Svetlana Alexievich Crafts Myths, not Histories. *The New Republic*, New York, 29 Aug. 2016. Available on: <https://newrepublic.com/article/135719/witness-tampering>. Access on: 25 Dec. 2021.

SAGE, Lorna. Hero. In: CHILDS, Peter; FOWLER, Roger. (Ed.). *The Routledge Dictionary of Literary Terms*. 3rd ed. New York: Routledge, 2006. p. 105-107.

SALLES, João Moreira. “A dificuldade do documentário”. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; CAIUBY NOVAES, S. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2005. p. 57-71.

SARLO, Beatriz. *O tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras; UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

VASSALLO, Ligia. “A canção de gesta e o épico medieval”. In: APPEL, Myrna Bier; GOETTEMES, Míriam Barcellos (Org.). *As formas do épico: da epopeia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre: Editora Movimento; Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 1992. p. 83-99.

Recebido em: 13/01/2022

Aceito em: 07/04/2022

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Inicialmente desenvolvido como trabalho final da disciplina “Entre séries discursivas e gêneros: narrativas contemporâneas sobre catástrofes” ministrada, no 1º semestre de 2021, pelo Prof. Dr. Marcio de Vasconcellos Serelle, a quem agradeço pela orientação para a redação da versão final do texto.

³ O quinto aspecto, “a literatura de testemunho”, de natureza crítico-histórica, não adquire especial relevância neste trabalho por tanger a conjuntos de obras testemunhais que alcançaram repercussão no século passado e de estudos que a elas se dedicam.

⁴ The Western press described her as an “investigative journalist” and “contemporary historian”, accepting her work as accurate documentation of Soviet and post-Soviet reality. In interviews, however, Alexievich has stressed the literary nature of her intentions and methods, and she rejects the title of “reporter”. Her work opts for subjective recollection over hard evidence; she does not attempt to confirm any of her witnesses’ accounts, and she chooses her stories for their narrative power, not as representative samples.

⁵ Alexievich has the unusual habit of continuing to rewrite her books after they have been published, releasing them in new editions. She says this is because she sees them as living documents, and because she goes back to re-interview her subjects over the years. But sometimes she rewrites passages in ways that are primarily aesthetic – even at the cost of creating discrepancies – or that seem to reflect her evolving political values.

⁶ A relativa correspondência entre os termos “herói” e “épico” – e, conseqüentemente, entre “anti-herói” e “antiépico” – é respaldada por Massaud Moisés no verbete “Épica” de seu *Dicionário de termos literários*, com base na etimologia da palavra “épica”, no latim e no grego: “ÉPICA – Lat. *epicus*, heroico, do gr. *epikós*” (MOISÉS, 2013, p. 153; grifo do autor). No entanto, no âmbito da teoria literária, o termo “herói” pode se referir também ao personagem principal, ou protagonista, de uma narrativa ou de uma peça teatral, sem relação necessária com qualidades épicas, próprias dos heróis mítico, clássico ou tradicional, como as que serão focalizadas, em pequena quantidade, na análise de “Coro de soldados”.

⁷ Dos dez estudos disponíveis no volume *Em louvor de anti-heróis: figuras e temas da moderna literatura europeia* (1830-1980), de Victor Brombert (2001), nove lidam, predominantemente, com obras ficcionais.

⁸ Homer’s heroes, for Aristotle, are elements in the unity of an action, not its sole origin and end as they had been in the loosely cumulative preliterate legends; in epic or tragedy heroes exist for the sake of the literary whole.

⁹ Essa relação, reiterada por muitos dos soldados entrevistados por Aleksievitch, indica que o herói pode se fazer como tal em situações outras que não as de conflito armado, o que também é perceptível em algumas concepções de heroísmo mobilizadas nesta investigação.

¹⁰ “Heróis são desafiadoramente comprometidos com honra e orgulho” (BROMBERT, 2001, p. 15).

¹¹ “Suas características, por trás da multiplicidade de tipos individuais, são constantes: eles [os heróis] vivem segundo um código pessoal feroz, são obstinados diante da adversidade; seu forte não é a moderação, mas sim a ousadia e mesmo a temeridade” (BROMBERT, 2001, p. 15).

¹² “Joseph Campbell, em nossos dias, descreveu o herói de mil faces como capaz de ‘autoconquistada submissão’ e pronto a dar a vida por alguma coisa maior do que ele mesmo” (BROMBERT, 2001, p. 18).

¹³ Na “Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo”, Aleksievitch diz: “quando falamos de passado e futuro, imiscuímos nessas palavras a nossa concepção de tempo, mas Tchernóbil é antes de tudo uma catástrofe do tempo. Os

radionuclídeos espalhados sobre a nossa terra viverão cinquenta, cem, 200 mil anos. Ou mais. Do ponto de vista da vida humana, são eternos” (ALEKSIÉVITCH, 2016).

¹⁴ Nesse mesmo testemunho, o ex-liquidador endossa o peso do heroísmo na URSS, ao dizer que a vontade de superar limites, que os faria alcançar reconhecimento como heróis, era compartilhada por “muitos” de seus compatriotas soviéticos: “talvez seja um impulso infantil, mas muitos sentiam a mesma coisa que eu. Os rapazes que serviam eram de toda parte da União Soviética. Russos, ucranianos, cazaques, armênios...” (ALEKSIÉVITCH, 2016).

¹⁵ Em comentário sobre o poema “O século”, de Óssip Mandelstam, Badiou, no capítulo “A Besta” de seu já mencionado livro, reforça o vínculo entre a ideia de “escrever a história” e o heroísmo: “a ideia hegeliana do século XIX é confiar-se ao movimento da História, ‘abandonar-se à vida do projeto’. A ideia do século XX é confrontar-se com a História, dominá-la politicamente. [...]. Como subjetividade, a figura da relação com o tempo tornou-se heroica [...]. Entre o coração do século XIX e o início do ‘pequeno século XX’, entre 1850 e 1920, passa-se do progressismo histórico ao heroísmo político-histórico espontâneo, da confiança à desconfiança. O projeto do homem novo impõe a ideia de que se vai coagir a História, que se vai forçá-la. O século XX é século voluntarista. Digamos que é o século paradoxal de um historicismo voluntarista. A História é uma besta enorme e poderosa, ela nos supera, e, entretanto, é preciso suportar seu olhar de chumbo, e forçá-la a nos servir” (BADIOU, 2007, p. 32-33).

¹⁶ Aleksievitch, de novo, na “Entrevista consigo mesma...”: “então, o que são eles, heróis ou suicidas? Vítimas das ideias e da educação soviética? Por alguma razão, esquece-se, com o tempo, de que eles salvaram o país. De que salvaram a Europa. Imagine por um segundo o quadro, caso o incêndio tivesse se espalhado e os outros três reatores houvessem explodido... Eles são heróis. Heróis de uma história nova. Comparam-nos aos heróis das batalhas de Stalingrado ou de Waterloo, mas eles salvaram algo mais importante que a sua pátria, salvaram a vida. O tempo da vida. O tempo vivo” (ALEKSIÉVITCH, 2016).

¹⁷ Como se sabe, há, também, heróis nascidos da relação entre deusas e homens. Aquiles, filho de Tétis e Peleu, e Eneias, filho de Afrodite e Anquises, são conhecidos exemplos disso.